

Traição contagia bases

Ônibus do comício de Ulysses vão para carreata de Covas

Teodomiro Braga

BRASÍLIA — A debandada das bases do PMDB de Brasília para o candidato do PSDB, Mário Covas, provocou crise no partido. A quase totalidade dos 150 ônibus contratados para levar eleitores das cidades-satélites para o comício do candidato pemedebista Ulysses Guimarães no Gama, domingo passado, foi desviada para a carreata de fechamento da campanha dos **tucanos**, no Plano Piloto. Enquanto menos de mil pessoas compareciam ao comício do PMDB, 5 mil prestigiavam a carreata de Covas no Eixão, principal avenida de Brasília. Entre as centenas de veículos, destacava-se a frota de ônibus fretada pelo PMDB.

“Pessoas que fazem uma coisa dessa são gente sem caráter, sem ética”, desabafou ontem, chorando, a secretária de Ulysses, Doroti Prescottti. O presidente regional do PMDB, Joselito Corrêa, defendeu a expulsão dos integrantes do partido que comandaram a revoada, chamando de “bandidos” o secretário de Serviço Social, João Ribeiro; o administrador da cidade-satélite do Paranoá, Gilson Araújo; e o presidente da Fundação de Serviços Sociais, William Cavalcanti.

Segundo o presidente do PMDB de Brasília, o desvio dos ônibus foi articulado pelos três. Mas Joselito Corrêa reconheceu que “todos” os líderes comunitários ligados ao PMDB participaram da debandada para Covas.

Desmentido — O secretário do Trabalho, Ildeu Leonel de Paiva, tentou negar o desvio dos ônibus, mas foi desmentido por Dulce Ângelo Procópio, assessora de dona Mora, mulher de Ulysses. Ela apresentou o testemunho de sua empregada doméstica, que estava em um dos ônibus do PMDB que acabaram se enfileirando na carreata pró-Covas.

Constrangido, Leonel de Paiva admitiu que o governador Joaquim Ro-

riz havia liberado seus secretários que apóiam Mário Covas. Nomeado governador graças à amizade com o presidente José Sarney, Roriz se afastou do candidato do PMDB logo no início da campanha, por causa dos ataques que Ulysses passou a dirigir contra o Palácio do Planalto, para se desvencilhar da pecha de governista.

A cena se repetiu em quase todas as dez cidades-satélites de Brasília, no começo da manhã de domingo. Quando chegavam ao ponto de encontro para tomar os ônibus que os levariam para o Gama, os militantes do PMDB foram eram convencidos pelas lideranças pemedebistas a retornar no começo da tarde, para participar da carreata de Covas.

Boato — Dirigentes pemedebistas fiéis a Ulysses Guimarães disseram que os que aderiram a Covas convenceram os militantes a mudar de lado com o boato de que o candidato do PMDB renunciaria e, por isso, o governador Joaquim Roriz havia decidido apoiar o candidato do PSDB. A utilização do nome do governador deve-se a seu prestígio nas cidades-satélites, adquirido através da distribuição de lotes à população carente do Distrito Federal. Durante a carreata, o apoio de Roriz a Covas foi anunciado várias vezes pelo locutor do carro de som que comandava a festa.

Além do desvio dos ônibus, o comício do PMDB também sofreu outra sangria de público, esta por iniciativa do deputado Francisco Carneiro e o presidente da Associação dos Inquilinos do Gama, José Dilson. Logo no começo da programação, eles deixaram a praça, levando centenas de pessoas para conhecer a área destinada pelo governo a um novo assentamento de terras na região, denominada Gama III. Com esta nova redução de público, o local foi tomado por partidários das candidaturas de Leonel Brizola, Lula e Afif Domingos. A partir daí, a ação de Francisco Carneiro e José Dilson virou o principal alvo dos ataques dos oradores do comício. O secretário-geral do PMDB, Paulo Nardelli, classificou de “moleque” o presidente da Associação dos Inquilinos.